
Ajuda para vacinados – desinformação no cenário da pós-verdade¹

Grazielly Aparecida Dobis Marangon²

Dayranny da Silva Amorim Cota³

Mariana do Nascimento Silva Viana⁴

Sarai de Oliveira Brauna⁵

Laura Seligman⁶

Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS

Resumo

Este artigo analisa as estratégias de desinformação adotadas pelo canal Ajuda para Vacinados, hospedado na plataforma Telegram, durante a pandemia de Covid-19. A pesquisa foi realizada por meio da Análise de Conteúdo, conforme Krippendorf (1990), sobre 102 postagens coletadas entre os dias 1º e 30 de setembro de 2024. Os resultados evidenciam que a maior parte das informações disseminadas se baseia na pseudociência (88 ocorrências) e no uso de conteúdo enganoso contra pessoas ou instituições (86 ocorrências). Identificaram-se também práticas como fabricação de conteúdo falso, uso de linguagem científica sem explicação e manipulação de informações. A pesquisa revela como, no contexto da midiatisação e da era da pós-verdade, se fortalece a circulação de desinformação, que utiliza estratégias discursivas que misturam elementos científicos, teorias conspiratórias e apelos emocionais, enfraquecendo a credibilidade da ciência e impactando negativamente a saúde pública.

Palavra-chave: desinformação; pós-verdade; Covid-19; pseudociência; redes sociais.

A pandemia da Covid-19 foi paradoxal para o Brasil – ao mesmo tempo em que já contávamos com um vasto e eficiente programa de vacinação, nos tornamos um dos países em que a desinformação a respeito das vacinas mais circulou. Em 11 de março de 2020, quando a pandemia foi declarada pela Organização Mundial da Saúde – OMS, o então Presidente da República, Jair Bolsonaro, desdenhou dos efeitos da doença, minimizando os perigos que ela representa. Ao mesmo tempo, cientistas no Brasil e no mundo todo buscavam tratamentos e desenvolviam vacinas que pudessem conter o avanço da contaminação e das mortes. Esses movimentos eram desacreditados por grupos

¹ Trabalho apresentado na IJ07 – Jornalismo da Intercom Júnior – 21ª Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante do Curso de Jornalismo da UFMS e pesquisadora do grupo Comunicação e Educação Midiática, email: grazielly.marangon@ufms.br

³ Estudante do Curso de Jornalismo da UFMS e pesquisadora do grupo Comunicação e Educação Midiática, email: dayranny.amorim@ufms.br

⁴ Estudante do Curso de Jornalismo da UFMS e pesquisadora do grupo Comunicação e Educação Midiática, email: mariana.viana@ufms.br

⁵ Estudante do Curso de Jornalismo da UFMS e pesquisadora do grupo Comunicação e Educação Midiática, email: sarai.brauna@ufms.br

⁶ Professora do Curso de Jornalismo da UFMS e líder do grupo Comunicação e Educação Midiática, email: laura.s@ufms.br

negacionistas que se manifestavam presencialmente (apesar das recomendações de não-aglomeração) e de forma virtual, principalmente por meio das mídias sociais e suas redes.

Aqui se tece uma crítica a forma como as informações circulam nas redes sociais e na mídia digital, onde há uma produção coletiva de conteúdos que muitas vezes compromete a qualidade informativa. Em vez de contestar diretamente a ciência, essa dinâmica promove a ideia de que todas as opiniões sobre o mesmo tema têm o mesmo peso, o que relativiza as verdades científicas e enfraquece sua autoridade, e, por sua vez, dificulta a distinção entre informação confiável e desinformação. Esta pesquisa dedicou-se a analisar as estratégias que um determinado canal da plataforma de redes sociais Telegram (Ajuda para Vacinados) usou para disseminar inverdades científicas, pseudociência e mentiras sobre a vacina da Covid-19.

As fake news e a era da pós-verdade

As chamadas fake news, ou desinformação, não são uma novidade, apesar de ganharem destaque nos últimos anos. A mudança do espaço público e da formação de opinião com as redes digitais acelerou esse protagonismo. De poucas fontes na era pré-redes, hoje todos podem alternar o papel de emissor ou receptor nesse novo ambiente. Segundo Santaella (2019), essa conexão permanente tem seu preço: circulação abusiva pela internet de notícias falsas e a formação de bolhas (ou câmaras de eco), informação viciada e crenças inamovíveis – o que configura o que se chama de era da pós-verdade.

Dunker (2017) afirma que a pós-verdade é uma espécie de segunda onda do pós-modernismo. A verdade teria três opostos diferentes: a ilusão, a falsidade e a mentira. O autor lembra que a pós-verdade tem implicações políticas, morais e institucionais. Nessa nova era, a verdade é secundária. Ou seja, a verdade se tornou irrelevante, o importante é o quão próxima essa afirmação é das próprias crenças de quem lê. A ação é encontrar um conteúdo que reafirme a opinião próxima do esperado – não importam fatos ou evidências. Já Perosa (2017) afirma que as notícias falsas são o império da pós-verdade por três fatores: alta polarização política em desfavor do debate racional e do consenso, causando nervosismo e tumulto; descentralização da informação por meio da Internet; e ceticismo do público em relação a instituições políticas e democráticas e provocação por meio de notícias falsas, de desconfiança em relação às mídias tradicionais.

Quanto mais o conteúdo induz à indignação, maiores as chances de se propagar em ambientes tóxicos em que a discussão não representa um debate, mas uma briga para ganhar. Santaella (2019, p. 16) lembra que “não é mais uma mera questão de apenas

demonizar o poder das redes, pois elas não fazem outra coisa a não ser nos devolver o retrato de nossas mentes, desejos e crenças”. De acordo com Boyd (2017), saber em quais fontes confiar é um princípio básico da educação midiática.

O isolamento durante a pandemia e o consequente maior acesso individual à Internet e às mídias sociais em busca de informações sobre o que acontecia, intensificaram essas características. A procedência das informações deixaram de ser importantes com essa multiplicação de fontes e sequer a leitura completa do que é oferecido é feita – a maioria das vezes só o título é lido. Um estudo divulgado em junho de 2016 pela Universidade de Columbia e pelo Instituto Nacional Francês revela que 59% dos links compartilhados em redes sociais não são, de fato, clicados (Dewey, 2016). Nesse contexto, uma manchete atraente – frequentemente destacada na URL do link – seria, por si só, suficiente para garantir o engajamento. Outra pesquisa feita em 2023 com os comentários de leitores dos posts do G1 no Facebook revelou que apenas um de todos os comentários feitos durante toda a amostra demonstrou ter acessado o link para ler a notícia completa (Seligman, 2024). Delmazo e Valente (2018) sustentam que mesmo quando os links são clicados, poucos leitores vão passar dos primeiros parágrafos, o que facilita ainda mais o trabalho de elaboração de uma notícia falsa. Ou seja, um título ou um lead chamativos já garantem o engajamento, sendo verdadeiros ou não.

Metodologia

A coleta de dados durou 30 dias corridos, de 01 a 30 de setembro de 2024. Os pesquisadores se cadastraram no canal para receber as mensagens diárias – por vezes, mais de uma por dia. A cada recebimento foi realizado um print para posterior análise. Ao final do período foram contabilizadas 102 mensagens, incluindo algumas repetições.

No período de análise do material selecionado foram utilizadas as técnicas da Análise de Conteúdo (AC) segundo Krippendorff (1990). Trata-se de uma metodologia de pesquisa para descrever e analisar conteúdo de textos de toda a natureza, verbais ou não-verbais. As técnicas ajudam a sistematizar o conteúdo por meio de classificação para verificar a prevalência de algumas características que representem aquele texto.

Entre as técnicas da AC podemos citar a leitura flutuante; preparação das informações; transformação do conteúdo em unidades; categorização ou classificação das unidades em categorias; descrição; e por fim a interpretação. As categorias usadas nesta pesquisa foram adaptadas de Santaella (2019) que originalmente sugere as seguintes conforme Wandle (apud Santaella, 2019, p.35). São elas: Sátira ou paródia que, embora

não tenha a intenção de causar mal, tem potencial para enganar; Conteúdo enganoso utilizado contra um assunto ou pessoa; Falso contexto quando um conteúdo genuíno é inserido num contexto falso; Conteúdo impostor, quando é colocado na boca de fontes pessoais ou coletivas informações que não são suas; Conteúdo manipulado, informação verdadeira manipulada para enganar o público; Conteúdo fabricado, inteiramente falso, construído com o intuito de desinformar e causar dano. Na adaptação, excluímos a primeira categoria (Sátira ou paródia), pois não apareceu na coleta, e incluimos outras três conforme nossa observação a posteriori: Uso de Pseudociência, Uso de linguagem científica sem explicação e Conteúdo Verdadeiro.

Descrição e análise de dados observados

Quanto à prevalência de fontes nos 102 posts analisados, a maioria tem origem em dois sites – Planeta Prisão (48) (FIGURA 1) e DNA Reverse (20). O primeiro pertence ao dono do canal Ajuda para Vacinados e diretor de redação do site, Carlos Ventura. O site DNA Reverse é de propriedade de Anthônio Magalhães. Os posts desse canal e sua distribuição seriam uma forma de atrair público para os sites, onde há os textos completos e inclusive lojas virtuais para vender assinatura do site (para acesso a textos exclusivos) e outros produtos curiosos como boné antirradiações (R\$109,00) com pedras de turmalina negra para criar um campo eletromagnético de proteção de radiações negativas.



FIGURA 1– Site Planeta Prisão

FONTE – Print de tela em 12/12/2024

Já no site DNA Reverse, há venda de assinatura do site, mais a oferta (paga) de emissão de frequências especiais personalizadas (inclusive para pets), séries terapêuticas, neurofrequências personalizadas, água estruturada cristalográfica, consultas e consultorias com Anthônio Magalhães (que também é autor do site reversão humana).

De modo geral, os posts citam fontes supostamente qualificadas, como médicos estrangeiros ou instituições desconhecidas pelo público, para conferir credibilidade. É o caso de citações de médicos negacionistas do exterior e em outros casos, atribuições de falas de forma enganosa a outros especialistas.

É o caso, por exemplo do post “De-spike natural – um guia de recuperação do oncologista..”, que cita como fonte William Makis, médico canadense negacionista. Ou o vídeo sobre um “estudo recente mostra nanorrobôs automontáveis nas vacinas covid-19” (FIGURA 2). Atribuído ao suposto Dr. Greg Reese, na verdade esse “especialista” já foi carpinteiro, músico, cineasta e escritor, e artilheiro na marinha dos EUA. Atualmente, ele trabalha no departamento de áudio e vídeo do ashram de yoga. Ou seja, não há formação científica para sustentar sua tese de que as vacinas estariam inserindo nanorrobôs automontáveis no sistema circulatório para o controle da humanidade.

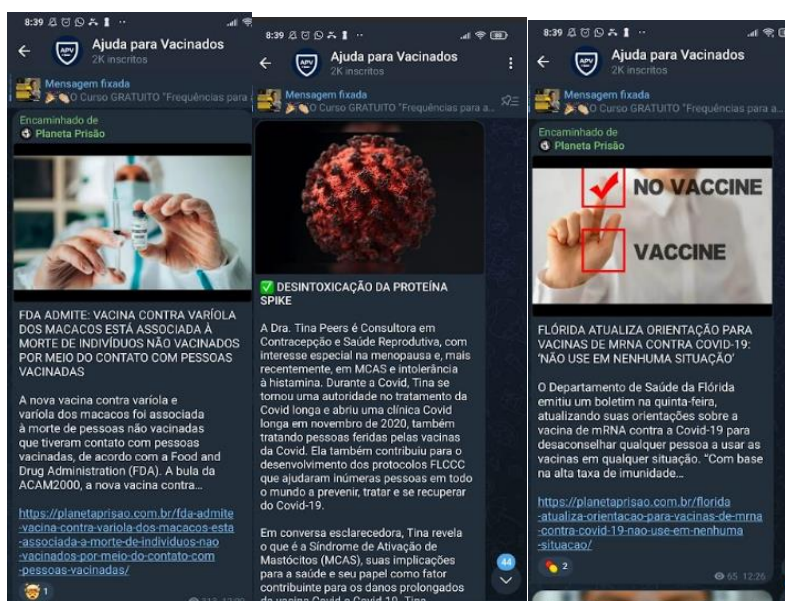


FIGURA 2 – Exemplos de posts no canal
FONTE – Print de tela em 12/12/2024

O canal também cita, frequentemente, a Fundação Gates (do ex-CEO da Microsoft, Bill Gates), como uma instituição que faz pesquisas para inserir esses instrumentos de manipulação na humanidade. É o caso do post em que a fundação “admitiria” fabricar uma vacina antimetano, e outro, por exemplo, “Fundação Gates admite que Ivermectina cura ‘Câncer turbo causado pelo homem’”. O nome Gates entra aqui como reforço de procedência, já que se trata de um nome reconhecido, mas também como parte da teoria conspiracionista de que grandes corporações estariam contaminando propositalmente a humanidade, inclusive com a afirmação de que teriam um “plano de despovoamento para bilhões de humanos” capitaneado pela elite global.

No link “sobre o Planeta Prisão”, o autor deixa clara a origem de suas teorias. Ele passou a escrever durante a pandemia (que ele chama de fraudemia) e denuncia o que

chama de “as fraudes de controle da humanidade pela Nova Ordem Mundial”. Como se não bastasse, faz referências antissemitas bem conhecidas ao afirmar que “as tentativas de controle e manipulação da humanidade se iniciaram a partir da família Rothschild desde 1776” e ao citar o livro proscrito “Os protocolos dos sábios de Sião”.

Outras estratégias de tentar legitimar uma desinformação é a atribuição a “estudos”, “pesquisas” ou publicações científicas. É o que aconteceu no post “Risco de infecção aumenta com cada dose da vacina de MRNA contra a Covid-19, mostra estudo”, atribuído à revista Clinical Infectious Diseases. A síntese das fontes utilizadas nos posts está no Quadro 1.

QUADRO 1

Prevalência de fontes da desinformação

Planeta Prisão	48
DNA Reverse	20
Especialistas, mas em outras áreas	12
Médicos (negacionistas ou com falas atribuídas)	9
Estudos/Pesquisas	9
O dono do canal	9
Instituições internacionais (OMS, FDA, CDC)	4
Publicações científicas	3

FONTE: Elaborado pela autora

Quanto às estratégias usadas para tentar dar veracidade às desinformações publicadas, identificamos o uso de pseudociências (88) e conteúdo enganoso utilizado contra um assunto ou pessoa (86) como as mais frequentes. É o caso, por exemplo, do post que indica o “azul de metileno com energia escalar – indicação de frequências para remoção de bots”, no qual os autores afirmam que esse corante muito usado na química e na biologia removeria os tais nanorrobôs inseridos no corpo humano por meio de vacinação. Outros posts afirmaram que compostos químicos como a Ivermectina (remédio usado para combater parasitas e vermes) e o Fembendazol, (comumente usado para combater parasitas em cães) poderiam tratar o “câncer turbo induzido pela vacina de MRNA, mas o complexo médico industrial não quer que seja revelado.

Em terceiro lugar nas estratégias de legitimação da desinformação veio o conteúdo fabricado, inteiramente falso, construído com o intuito de desinformar e causar dano. Como exemplo, escolhemos o post em que os autores do site prepararam um “beabá para picado leigo”, ou seja, como proceder se você foi vacinado.

Em quarto lugar ficou a estratégia que mais parece paradoxal – apesar de desdenhar de conhecimento científico, os autores usam linguagem científica sem

explicação alguma, talvez na tentativa de qualificar o discurso, mesmo que o receptor não compreenda bem o que está sendo dito. É o caso do post “Acetilcisteína limpa toxinas das vacinas de MRNA (Grafeno e Proteínas spike)”. A acetilcisteína é um remédio expectorante (para a tosse e eliminação de secreção) e, na perspectiva dos autores do site, serviria para eliminar as toxinas da vacina da Covid (MRNA é a sigla para RNA mensageiro, ou melhor, feita a partir de material sintético e não de componente vivo ou atenuado, como informa a empresa Pfizer em seu site).As tais toxinas seria o Óxido de Grafeno (nanomaterial costumeiramente aplicado em equipamentos de energia e ainda aplicações médicas) e Proteínas Spike (presente no sars-cov-2, vírus causador da covid-19, que permite a entrada desse vírus em algumas das células do organismo, o que leva ao desenvolvimento da doença) . Os termos usados não são usuais para o leitor comum, o que acaba referendando a desinformação divulgada.

Outra estratégia é a do Conteúdo impostor, quando é colocado na boca de fontes pessoais ou coletivas informações que não são suas. É o caso do post “A confiança nos médicos e hospitais diminuiu nos EUA desde a pandemia da Covid”, atribuído ao Journal of the American Medical Association. A informação é verdadeira, mas tirada de contexto, já que ela não se refere diretamente à vacinação como causa. Esse post também se enquadra em outra estratégia, a que usa conteúdo manipulado, informação verdadeira manipulada para enganar o público e a de “falso contexto quando um conteúdo genuíno é inserido num contexto falso”.

A última e menos frequente das estratégias é a que usa conteúdo verdadeiro, como o post que divulga a informação que “pesticidas comuns não podem ser removidos da fruta”. A informação é verdadeira, mas não se relaciona com vacinação ou com Covid de maneira alguma. Supomos que ela tenha sido usada para referendar a informação de que o solo e a comida estejam sendo envenenados por uma conspiração liderada por elites internacionais. A prevalência das estratégias usadas está apresentada no Quadro 2.

QUADRO 2

Prevalência de estratégias

Pseudociência	88
Conteúdo enganoso utilizado contra um assunto ou pessoa	86
Conteúdo fabricado, inteiramente falso, construído com o intuito de desinformar e causar dano	62
Uso de linguagem científica sem explicação	50
Conteúdo impostor, quando é colocado na boca de fontes pessoais ou coletivas informações que não são suas	18
Conteúdo manipulado, informação verdadeira manipulada para enganar o público	7

Falso contexto quando um conteúdo genuíno é inserido num contexto falso	5
Conteúdo verdadeiro	4

FONTE: Elaborado pela autora

De modo geral, os autores se apresentam como justiceiros que agem em defesa da sociedade contra forças ocultas. Negam a legitimidade do conhecimento científico, considerado parte de um complô das elites para prejudicar os mais vulneráveis. Para dar credibilidade à desinformação, recorrem à linguagem científica e ao nome de instituições reconhecidas. Assim como o revisionismo histórico, que tenta apagar fatos negando sua existência, como é feito contra o holocausto ou contra a ditadura militar no Brasil; o negacionismo, observado hoje em relação às vacinas e outras questões da ciência, é uma estratégia de apagamento ou anulação de um fato consolidado que consideram desfavorável a sua causa para que uma mentira favorável se sobressaia.

A desinformação, como vimos, é usada com frequência em períodos de exceção. Na Alemanha em período nazista, judeus e ciganos, entre outros grupos, eram apresentados como uma ameaça aos “verdadeiros cidadãos”. O medo e o combate a esses grupos seria uma questão de sobrevivência aos alemães (Chomsky, 2014). Atribui-se ao ministro do Departamento de Propaganda do Partido Nazista, Joseph Goebbels a frase: “Quanto mais monstruosa a mentira, mais a multidão acredita nisso” (Klim, 2018).

O inimigo, no caso dos posts e sites analisados não é novo. A vacina da Covid-19 é mais um pretexto para o ataque de antigos desafetos. Quando afirma que “o controle e manipulação da humanidade se iniciaram a partir da família Rothschild desde 1776”, e ainda quando cita o livro Protocolo dos Sábios de Sião os autores reforçam um dos mitos do antissemitismo, de que os judeus são o grupo religioso mais rico do mundo e da história e que dominam áreas como bancos e mídia, o que é mais uma desinformação sem fundamentos ou referências, como se pode ver no texto de apresentação do site:

A diferença de período e situação histórica, já que o Brasil não vive uma guerra e não há um conflito internacional generalizado, é que também pontuam as diferenças e aproximações nas estratégias usadas. Se a mentira, no exemplo do período nazista, foi uma maneira de criar um inimigo comum causador de fracassos locais; agora a mentira vem combater poderes instituídos.

Considerações finais

A análise das postagens do canal Ajuda para Vacinados evidencia como a desinformação se estrutura e se dissemina no ambiente digital, especialmente em plataformas de comunicação privada como o Telegram. As estratégias utilizadas

articulam elementos de pseudociência, manipulação de dados e construção de narrativas conspiratórias que colocam em dúvida a eficácia das vacinas e das instituições científicas. Observou-se que, além da disseminação de desinformação, há também um claro objetivo comercial, com a venda de produtos vinculados às crenças pseudocientíficas propagadas no canal.

O estudo confirma que, no cenário da pós-verdade, a circulação de conteúdos falsos se fortalece por meio de discursos que exploram inseguranças, medos e desconfiança social, sobretudo em contextos de crise, como a pandemia de Covid-19. Esses discursos, ao se apropriarem da linguagem científica de forma distorcida, contribuem para a deslegitimação da ciência e comprometem políticas públicas de saúde.

O canal "Ajuda para Vacinados" no Telegram, analisado neste estudo, revela um exemplo claro de como a desinformação, especialmente no contexto da pandemia de COVID-19, se dissemina através de estratégias bem estruturadas que buscam manipular a opinião pública. A análise de 102 mensagens postadas no canal permitiu identificar a predominância de fontes e estratégias que validam essas narrativas falsas. Entre as mais recorrentes estão o uso de pseudociência e a criação de conteúdo enganoso, como a manipulação de informações científicas para construir um discurso que favoreça uma visão distorcida da realidade. Além disso, as frequentes referências a "estudos" e "pesquisas" inexistentes ou mal interpretadas atuam como uma tentativa de conferir credibilidade a informações sem respaldo científico, o que reforça a era da pós-verdade descrita por Santaella (2019) e Perosa (2017).

A desinformação analisada aqui não é apenas um fenômeno isolado, mas faz parte de um movimento maior, em que o apelo à emoção e à crença pessoal substitui os fatos objetivos na formação da opinião pública. O canal "Ajuda para Vacinados" usa o medo e a desconfiança em relação às vacinas como um pretexto para reforçar teorias da conspiração, muitas vezes com intuito de polarizar ainda mais a sociedade.

Uma das principais conclusões deste estudo é que a desinformação não é apenas um problema de quem a cria, mas também da forma como as redes sociais amplificam esses conteúdos. O algoritmo das plataformas favorece a propagação de mensagens emocionais e polarizadoras, o que torna ainda mais urgente a necessidade de educação midiática. Como sugerido por Boyd (2017), é fundamental que os indivíduos desenvolvam a capacidade de discernir fontes confiáveis e críticas, especialmente em tempos de crescente complexidade informativa.

Portanto, além da necessidade de ações regulatórias mais firmes e eficazes contra a disseminação de desinformação, é essencial que a sociedade adote estratégias de conscientização e promoção da alfabetização digital. A luta contra a desinformação exige um esforço conjunto entre educadores, pesquisadores, profissionais de mídia e cidadãos, para que seja possível reconstruir um espaço público saudável, em que o debate e a razão prevaleçam sobre a manipulação emocional e a falsidade.

Os resultados reforçam a importância de ampliar as ações de letramento midiático, de educação científica e de combate à desinformação, especialmente em ambientes digitais menos regulados. Ademais, destaca-se a necessidade de aprofundar as pesquisas sobre o ecossistema de desinformação, suas redes de financiamento e seus impactos na sociedade, para subsidiar tanto intervenções políticas quanto estratégias educativas e comunicacionais mais eficazes.

REFERÊNCIAS

- BOYD, Danah. Did Media Literacy Back Fire? Medium, 2017. Disponível em <https://medium.com/datasociety-points/did-media-literacy-backfire-7418c084d88d>. 2-17. Acesso em 12/12/2024.
- CHOMSKY, Noam. Mídia: propaganda política e manipulação. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2014.
- DELMAZO, Caroline; VALENTE, Jonas C. L. Fake news nas redes sociais online: propagação e reações à desinformação em busca de cliques. Media & Jornalismo. Coimbra – Imprensa da Universidade de Coimbra, 2018.
- DUNKER, Christian. Subjetividade em tempos de pós-verdade. In: DUNKER, Christian; TEZZA, Cristovão; FUKS, Julián; TIBURI, Marcia; SAFATLE, Vladimir. Ética e pós-verdade. Porto Alegre: Dublinense, 2017.
- KLIM, Max. Propaganda Goebbels: Paul Joseph Goebbels. Biografia, foto, vida pessoal. Estocolmo: Ridero, 2018.
- KRIPPENDORFF, K. Metodologia de análisis de contenido: teoria e práctica. Barcelona, Ediciones Paidós, 1990.
- SANTAELLA, Lúcia. A pós-verdade é verdadeira ou falsa? Barueri-SP: Estação das letras e cores, 2019.
- SELIGMAN, Laura. Interação on-line, agressão verbal e o (não) debate público: o comportamento dos leitores do ‘g1’ no Facebook. Metaxy. V. 5, n. 5.1, 2024. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/metaxy/article/view/64660> Acesso em 12.12.2024.